



---

## 25º Domingo depois de Pentecostes (06.11.05) Próprio 27

### 1ª leitura - Amós 5:18-24

Amós surgiu no cenário de Israel no período de Jeroboão II (787-747 aC), marcado por muitas contradições. Do ponto de vista dos que ocupavam as altas posições da sociedade, foi uma era de prosperidade. Da perspectiva dos pobres, foi um período de crescimento da pobreza, de corrupção e injustiça. Sobre o status social de Amós há quem o considere não tão pobre, porque ele possuía duas propriedades. De qualquer maneira, é incontestável que ele foi defensor dos empobrecidos rurais.

A leitura de Amós como qualquer outra obra dos profetas não nos dá aqueles momentos deliciosos e belos sonhos, a não ser aquelas partes que se referem à restauração após o aviso da destruição. Ao invés de delícia, Amós pode nos induzir aos pesadelos, pesadelos bons e necessários na jornada da fé, que nos dá o sonho, a despeito de tudo, para além dos horizontes, resultando numa esperança ativa.

A leitura designada para hoje faz parte dos discursos de julgamento contra Israel. E tem dois pontos: (a) O lamento contra os que esperam o Dia do Senhor (v.18-20), (b) a condenação das festas religiosas.

Por que o "ai", o aviso de lamento? Os que esperavam a manifestação de Deus confundiam a presente ordem das coisas com a vontade de Deus. É como se estivessem aguardando a abertura de envelopes de premiação cujo conteúdo favorável a eles já era esperado. É uma forma de confiança em Deus presente dissociada de sua expressão em termos de fazer sua vontade de Deus nos relacionamento entre as pessoas, que os profetas denominam de justiça e compaixão derivadas da ação de Deus na libertação do jugo da escravidão. Por isso, o profeta alerta: não estejam tão seguros assim. Olhem lá, o Deus que vocês adoram não é o Deus de Israel? Vejam o que está acontecendo em Israel? Do jeito que vocês transformam o direito em veneno e atiram a justiça por terra (5:7ss; 2:6; 8:4ss) o Dia do Senhor será outra coisa.

A legitimação da ordem vigente das coisas era coroada na liturgia do sacrifício. O sacrifício ali exposto era uma passarela de ostentação do status dos ofertantes. Esse status estava em contraste gritante com a situação dos empobrecidos e oprimidos. Do ponto de vista profético, é essa a adoração do Deus que ouviu o clamor dos escravos no Egito e os socorreu? O que Deus quer ver é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca. São direito e justiça do Pacto de Deus com o Israel.

É verdade que Amós dirigiu suas palavras aos seus contemporâneos. No entanto, não nos esqueçamos de que elas foram transmitidas e preservadas "para a nossa instrução" (ver a Coleta do Domingo da Bíblia, LOC p. 111). E os profetas estão aí ainda nos alertando para as instituições humanas, inclusive a Igreja não venham se confundir com o reinado de Deus. (*Dom Sumio Takatsu*)

### 2ª leitura - I Tessalonicenses 4:13-18



"Não queremos, porém, irmão que sejais ignorantes a respeito dos que dormem"... Tudo indica que o recorte de hoje foi uma resposta do apóstolo a uma consulta feita pela Igreja sobre a situação dos mortos. A resposta é dada com base no credo em formação, e com a tradição inspirada no gênero literário denominado de apocalíptico. O apocalipsismo é um gênero literário que surgiu no período intertestamentário. Trata-se de uma forma de revelação. A ênfase deles é que o mal atuante nas pessoas e no mundo não pode ser remediado e a salvação vem do Alto, isto é, de Deus e deve abarcar todas as coisas.

vs. 13 - "quanto aos que dormem...vos não entristeçais como os demais que não têm esperança". A morte é considerada um adormecimento. Encontra-se essa concepção no Evangelho de João, na narrativa de Lázaro. Ele foi acordado pela voz do Senhor. As Igrejas orientais ressaltam que os que foram estão no sono. A morte entristece-nos sempre, seja qual for sua circunstância. Porém aqui se trata do martírio, segundo os entendidos da matéria. Já no tempo em que este primeiro livro do Novo Testamento foi escrito já estava em curso a perseguição. A consideração sobre os mortos traz uma aplicação pastoral da esperança dita em 1:3 para uma situação concreta: "Não se entristeçam como os que não têm esperança".

Além de consolar os entristecidos (uma das funções da Liturgia do Sepultamento) o texto em questão responde à preocupação dos tessalonicenses com a situação dos mortos em relação ao retorno de Cristo e estabelece, também, comparação entre o que havia no repertório cultural dos tessalonicenses apresentando o caminho da esperança.

Por exemplo, o "retorno" (parusia no grego) era um termo empregado para a celebração da vinda triunfante de César a uma cidade preparada pelos arautos. Também o termo "arrebato" estava entre os epitáfios: arrebatado ou seqüestrado pela morte. O termo "encontro" (v. 17 - *apántesis*, no grego) é um raro no Novo Testamento (apenas em Mt 25:6 na parábola das dez virgens e em At 28:15), mas constante dos papiros das inscrições da recepção dos novos dignitários nas cidades. "Encontro nos ares" é uma expressão muito estranha para nós e pertence à cosmovisão dos tessalonicenses e de Paulo. Nuvens representam a glória, a presença de Deus no Antigo Testamento. Então, em contraste com a entrada triunfal de César carregada de dominação, temos a chegada Daquele que foi crucificado cujo poder de doação, de amor não só foi reconhecido, por Deus mas liberado como o poder restaurador e criador da comunidade e relacionamento. E o encontro com esse Senhor se dá no local conhecido como a morada dos "poderes". Em contraste com o seqüestro dos vivos pela morte temos o arrebatamento pelo Senhor ressuscitado onde reside a ameaça "oculta". Então, temos uma nova visão do destino humano e do mundo sob a soberania universal de Deus conhecido em Jesus. Então, é preciso ver o que é essencialmente proclamado por meio da linguagem e da cosmovisão de uma época e não cair em especulações com base no literalismo acrítico. O v. 18 é um bom exemplo da aplicação das considerações sobre o destino humano inseparavelmente ligado com o que se entende por Jesus Cristo. Trata-se de uma pastoral da construção da fraternidade. (*Dom Sumio Takatsu*)

### **Evangelho - Mateus 25:1-13**



É uma estória um tanto alegorizada para comunicar a importância da prontidão. Encontra-se apenas em Mateus.

É importante observar que o v.1 refere-se ao reinado de Deus e não ao retorno de Jesus. Nos v. 5-6 vemos a demora da chegada (retorno?) do noivo. Se a demora faz parte essencial da estória ou foram esses versos aditados posteriormente, a estória não partiu diretamente de Jesus, mas passou pelos caminhos da aplicação até chegar onde está. Esta é a ponderação de Schweizer e creio que ele tem razão. A questão da demora do retorno de Jesus surgiu dentro da Igreja do Novo Testamento. Mateus fala na chegada do noivo para o encontro (ver II Ts 4:13, acima). De qualquer maneira, as palavras de Jesus são dirigidas para os problemas dentro da Igreja nos termos de vigilância, isto é, no sentido de que a Igreja deve estar sempre preparada.

Para Mateus a Igreja é uma comunidade mista: trigo e joio que serão separados no fim. Na presente estória não há diferença na aparência entre dois grupos. Até em relação à demora não há diferença alguma. Todas elas dormiram (v.5). A diferença está em que as sábias levaram consigo vasilhame de óleo e as insipientes quiseram comprar o óleo na última hora, isto é, não se prepararam. É o aviso de que não se preparar nada na última hora. Trata-se da construção da casa que é a morada com Deus. Assim, aqui se faz ressonar as bem-aventuranças de Jesus: "todo aquele que ouve estas palavras e as pratica será comparada a uma pessoa sábia e sensível que edificou a sua casa em cima da rocha". O preparo (vigilância) deve ser constante.

Esta parábola tem semelhança com a do trigo e joio (13:36ss.) e a da rede de peixes (13:47ss.) e parece refletir a visão de Mateus sobre a ambigüidade da Igreja, corpo misto. O pedido das néscias – "Senhor, senhor, abre-nos a porta", nos faz lembrar de Mateus 7:21.

As três leituras têm um ponto em comum: o Dia do Senhor em Amós, o Retorno do Senhor na Epístola e no Evangelho. A escolha dessas leituras e a Coleta estão indicando que o Advento se aproxima. É uma passagem gradual para o Ano Novo Cristão no Ocidente. (*Dom Sumio Takatsu*)